

CALISTO ELÓI: O PORTUGAL FÁUSTICO DE CAMILO CASTELO BRANCO

Adriano Lima Drumond (Doutorando, USP)

limadrummond@yahoo.ca

RESUMO: Fausto é um personagem histórico-lendário de grande importância para as artes, a música e a literatura ocidentais no século XIX. Calisto Elói, protagonista do romance *A Queda dum Anjo*, de Camilo Castelo Branco, mais frequentemente associado à figura de Dom Quixote de Cervantes, apresenta também, segundo Fidelino de Figueiredo, um caráter fáustico. Neste artigo, desenvolvo essa associação entre Calisto Elói e Fausto, baseando-me na leitura que Marshall Berman propõe do *Fausto* de Goethe, com o fim de evidenciar como o personagem camiliano simboliza a nação portuguesa em meados do século XIX.

Palavras-chave: Calisto Elói, Fausto, Portugal, Camilo Castelo Branco.

Introdução

A Queda dum Anjo, publicado em fins do ano de 1865, situa-se entre os romances de Camilo Castelo Branco que mais se leram e se vêm lendo, tanto por leitores comuns quanto por especializados. Certamente a complexa malha irônica e satírica, o olhar agudo sobre o cenário histórico português e o carisma do personagem central (Calisto Elói) explicam boa parte desse interesse amplo, profundo e duradouro. Podemos

destacar também, como uma das qualidades sedutoras da obra referida, o fato de possibilitar a observação de uma quase inesgotável riqueza intertextual.

A nos ater ao protagonista, a crítica frequentemente destaca o parentesco entre este e o cervantino D. Quixote. Jacinto do Prado Coelho assinalou que Calisto Elói também se assemelha a Alceste, personagem de *O Misanthropo*, de Molière. (Cf. COELHO, 1960, p. 652) E Fidelino de Figueiredo enxergou no protagonista camiliano o arquétipo fáustico:

Calisto Elói [...] é [...] o eterno intelectual que concebe da vida e do mundo só a pequena parte que o livro lhe denuncia, e que exercita do espírito só a pequena parcela que é a inteligência. O protagonista é um deslocado, [...] mas é também um pouco o Fausto. Vindo a Lisboa, como deputado, o meio transforma-o; e esta transformação é um caso da influência do meio, precipitando um anjo, mas é também a revelação da verdadeira vida a quem nunca a exercitara, é também o gostar do sentimento do amor, da conformação com o seu tempo e com o seu meio, por quem não supunha na vida do coração tão amplos limites. De sorte que esse Calisto Elói é uma forma satírica, romântica, camiliana acima de tudo, do eterno tema do conflito entre a vida ideal e a real, da tardia opção pela segunda. E à longa lista de expressões literárias do tema do *Fausto* [...] há a acrescentar a de Camilo, pelo romance satírico. (FIGUEIREDO, 1946, p. 244-5)

O propósito deste artigo é justamente desenvolver, por um certo e necessário foco, a aproximação que Fidelino de Figueiredo propõe entre Calisto Elói e o Fausto. Aqui concentrarei o olhar sobre o protagonista de *A Queda dum Anjo* como expressão do arquétipo fáustico, tendo em vista o personagem camiliano como símbolo da nação portuguesa. Cumpre esclarecer que escolhi, entre os Faustos de vários autores, o goethiano – escolha que me parece ser também a do crítico português. Minha leitura vincular-se-á intimamente com o primeiro capítulo (“O *Fausto* de Goethe: A Tragédia do Desenvolvimento”) de *Tudo que é sólido desmancha no ar*, de Marshall Berman.

O protagonista de *A Queda dum Anjo* – o morgado da Agra de Freimas – é um fidalgo de ascendência remotíssima, muito rico, da aldeia de Caçarelhos, localizada na região nortenha portuguesa de Miranda. Exageradamente apegado ao passado de seu país, Calisto Elói recusa vivenciar os hábitos e costumes contemporâneos – isto é, de meados do século XIX –, vestindo-se e falando de modo antiquado, dedicando-se a leitura contumaz de sua vasta biblioteca composta de “cronicões, histórias eclesiásticas, biografias de varões preclaros, corografias, legislação antiga, forais, memórias da Academia Real da História Portuguesa, catálogos de reis, numismática, genealogias, anais, poemas de cunho velho, etc”. (CASTELO BRANCO, 1986, p. 840) Profundo conhecedor da língua latina e grega, das literaturas clássicas escritas nestes idiomas e da literatura portuguesa de até o século XVII, monárquico-absolutista e fervoroso católico, o personagem, conforme noticia o narrador, “queria que se venerasse o passado, a moral antiga como o monumento antigo”. (CASTELO BRANCO, 1986, p. 841) Esposa a prima D. Teodora Barbuda de Figueiroa, morgada de Travanca, pela mera conveniência de unir os morgadios. O casal torna-se assim a família mais rica e próspera da aldeia e arrabaldes. Incentivado por conterrâneos, Calisto Elói candidata-se para deputado. Eleito, vai sozinho residir em Lisboa, onde encontra uma sociedade e um meio político corrupto e hipócrita. Sua luta contra os costumes corrompidos da capital malogra, a partir do momento em que sente – já quadragenário – as primeiras paixões de sua vida. Apaixonado, moderniza sua linguagem, seu vestuário, seus hábitos, suas idéias. Desse modo, concretiza-se o vaticínio do título do romance: o anjo – referência irônica ao protagonista – cai. Calisto abandona definitivamente o casamento e o torrão natal para viver em Lisboa com uma bela viúva brasileira, a Ifigénia de Teive Ponce de Leão. Adere ao liberalismo, recebe o título de barão, tem dois lindos filhos com a brasileira.

Seu adultério condiciona o mesmo para Teodora, que se rende à sedução de um primo – Lopo da Gamboa –, unicamente interessado na riqueza da parente. Tanto Calisto quanto a esposa, embora com a moral manchada, encontram, no desfecho da narrativa, a felicidade, sob a ironia lamentosa do narrador.

Eis em síntese o enredo de *A Queda dum Anjo*. Esse romance satírico e marcadamente irônico encena um problema de identidade cultural, que divide a trajetória do protagonista em duas etapas principais: na primeira, Calisto Elói representaria o Portugal antigo; na segunda, o Portugal moderno. De fato, o personagem parece simbolizar a nação portuguesa, conforme a imaginou Camilo Castelo Branco, cindida entre duas temporalidades: a da tradição e a da modernidade. Essa característica nacional ficcionalizada espelharia o conturbado contexto histórico do país ibérico em meados do século XIX, quando o autor escreve e publica seu livro.

Portugal em meados do século XIX

1865, quando Camilo Castelo Branco publicou o romance, é uma data importantíssima para a história portuguesa. Nesse ano, – noticia José-Augusto França – ocorreu “a primeira exposição industrial internacional do Porto [que] coroou o prudente período determinado pela Regeneração, enquanto uma nova geração de poetas-estudantes contestava já esta prudência, numa retumbante polémica ideológica”. (FRANÇA, 1999, p. 8) A polémica ficou conhecida como a Questão Coimbrã, e nela Camilo tomou parte ativa, intervindo com o artigo “Vaidades Irritadas e Irritantes”, onde defende o amigo António Feliciano de Castilho dos ferinos ataques desferidos pelo jovem Antero de Quental. Nessa célebre polémica, opunham-se: de um lado, escritores

já consagrados, que defendiam a permanência de ideais estéticos românticos, mas que traíam procedimentos neoclássicos, como Castilho, Camilo e Pinheiro Chagas; estes representavam ainda o protecionismo de valores culturais que se colocavam como autenticamente lusitanos – de outro lado, jovens escritores, estudantes em Coimbra, que postulavam a renovação ou mesmo revolução intelectual, literária, sociopolítica no país, com base no modelo das grandes potências europeias; integravam este grupo Antero, Teófilo Braga, futuros componentes da Geração de 70. Travava-se, uma vez mais, o embate entre o velho e o novo Portugal, a exemplo da Guerra Civil empreendida, cerca de 30 anos atrás, por miguelistas e liberais. Sobre o significado desse recorrente choque de forças conservadoras contra forças modernizadoras, Joel Serrão afirma:

A polémica multissecular entre castiços e estrangeirados, entre messianismos de estirpe vária (como, por exemplo, o sebastianismo) e esforços de actualização cultural e técnica, não é mais, em última instância, que um aspecto [da] percepção do desajustamento entre o tempo português e o europeu transpirenaico. (SERRÃO, 1965, p. 30)

Durante a década de 1860, com efeito, Portugal passa por mudanças em sua fisionomia infra-estrutural e jurídica que revelam a preocupação por parte de políticos em fazer ingressar o país na marcha do progresso. Em 1863, extinguem-se os vínculos de propriedade; em 1864, alcança-se a marca de mais de 2000 km de fios telegráficos instalados, além de se realizar o primeiro recenseamento populacional com base em métodos científicos; em 1866, inauguram-se as ligações ferroviárias com a Europa além-Pireneus. Vale observar que a década de 1860 insere-se no período que Eric J. Hobsbawm denomina a ‘Era do Capital’, quando “uma nova palavra entrou no vocabulário econômico e político do mundo: ‘capitalismo’”, (HOBSBAWMN, 1996, p. 19) mundo que então “se tornou capitalista e uma minoria significativa de países ‘desenvolvidos’ transformou-se em economias industriais”. (HOBSBAWMN, 1996, p.

54) Sabemos que Portugal não se enquadra nessa ‘minoria desenvolvida’. As mudanças acima elencadas não eliminaram, nem aparentavam pretender eliminar de todo o atraso econômico português.

Calisto Elói: o Portugal fáustico

A longevidade de Johann Wolfgang von Goethe (nasceu em 1749 e faleceu em 1832, tendo vivido, portanto, cerca de 83 anos) permitiu-lhe presenciar – e particularmente o fez com profundo interesse – o tempo do iluminismo, o desenrolar da Revolução Francesa e a consolidação de uma sociedade burguesa na Europa, junto a um acelerado progresso industrial. O poeta alemão vivenciou privilegiadamente estes dois tempos: o velho (momento do *Ancien Régime*) e o novo (momento do capitalismo). Como a escrita de seu *Fausto* demandou-lhe quase a vida inteira, essa obra pôde enriquecer-se com um duradouro testemunho de transformações, nada menos que o advento da modernidade.

Marshall Berman destaca em *Fausto* o embate – entre o velho e o novo – que vemos Calisto Elói também representar. “O *Fausto* de Goethe: a tragédia do desenvolvimento”, primeiro capítulo de *Tudo que é sólido desmancha no ar*, de Berman, principia com esta frase: “Desde que se começou a pensar em uma cultura moderna, a figura de Fausto tem sido um de seus heróis culturais.” (BERMAN, 2005, p. 43) O personagem, especificamente na obra goethiana, encarnaria os anseios transformadores, manifestados nas Revoluções Francesa e Industrial, sobre uma sociedade de estruturas feudais. Nesse aspecto, Fausto terá “uma ressonância especial em países social, econômica e politicamente ‘subdesenvolvidos’”. (BERMAN, 2005, p.

49) Berman lê o percurso fáustico, segundo o colocou o poeta alemão, como uma tragédia do desenvolvimento, onde um provinciano mundo de ingenuidade e pureza dá lugar a um mundo de bem mais amplos horizontes morais, em contínuas transformações, em acelerado progresso.

Portugal situa-se, no período em que se publica *A Queda dum Anjo*, entre os países de precário desenvolvimento social, econômico e político, referido por Berman. E o arquétipo fáustico, conforme atesta o romance de Camilo Castelo Branco, manifestou-se, de fato, no imaginário português. Se Mefistófeles conduz Fausto às transformações de trágicas consequências – uma vez que estas implicam a destruição da ingenuidade e pureza –, também o narrador camiliano utiliza a imagem demoníaca para simbolizar o percurso do morgado da Agra de Freimas rumo a destino similar. Basta reparar no título do terceiro capítulo, “O demónio parlamentar descobre o anjo”; do décimo quarto, “Tentação! Amor! Poesia!”; do vigésimo nono, “O demónio em Caçarelhos”; do trigésimo primeiro, “Vence o Demónio! Choram os anjos”; do trigésimo quinto, “A felicidade infernal do crime”. Destaco ainda outro ponto de contato relevante. Nas palavras de Berman,

Como muitos homens e mulheres de meia-idade que vivem uma espécie de renascimento, Fausto sente seus novos poderes como poderes sexuais; a vida erótica é a esfera na qual ele aprende inicialmente a viver e agir. Após algum tempo na companhia de Mefisto, Fausto se torna radiante e excitado. Algumas das mudanças decorrem de elementos artificiais: roupas chiques e charmosas (ele nunca havia ligado para a própria aparência; até então, todo o seu rendimento era convertido em livros e instrumentos) e poções mágicas da Cozinha da Feiticeira, que fazem Fausto parecer e sentir-se trinta anos mais jovem. (BERMAN, 2005, p. 59)

Semelhantemente, Calisto Elói – homem de meia idade – viverá suas mudanças a partir do afloramento tardio de sua sexualidade. Aliás, sua paixão por Adelaide motivá-lo-á a vestir roupas mais modernas e sedutoras, a tornar-se mais esbelto e rejuvenescido.

Em seguida, a bela viúva Ifigénia – que parece corresponder aos sentimentos do deputado mirandense – leva-o a perder-se definitivamente: o adultério é consumado e Calisto, já modificados seus hábitos e trajes, adere ao ideário do partido liberalista português. A propósito, no vigésimo quinto capítulo do romance (“Perdido!”), ao citar uma cena de *Vilhalpandos*, de Sá de Miranda, em que um personagem declara seu amor a Fausta, Calisto Elói ouve de Ifigénia: “*Fausta!... é um nome lindo [...].*” (CASTELO BRANCO, 1986, p. 958) Não seria expressivo que justamente uma mulher que contribui para a queda do protagonista camiliano aprecie a versão feminina do nome de Fausto – possível alusão à comunhão entre o lendário personagem e Mefistófeles? Acresce que o próprio Calisto, pelo novo corte de barba, adquire inclusive feição mefistofélica. No trigésimo capítulo (“Como ela o amava!”), sua esposa Teodora comenta seu novo visual: “– Como tu estás mudado! Não me pareces o meu homem!... Corta essas barbas; por alma de tua mãe, corta-me essas barbas, que pareces o Diabo, Deus me perdoe!...” (CASTELO BRANCO, 1986, p. 979)

A modernização de Calisto Elói concretiza o vaticínio metafórico do título do romance: o anjo – imagem de espiritualidade e ascese – cai, isto é, materializa-se, ficando, conforme conclui o narrador, “simplesmente o homem, homem como quase todos os outros, e com mais algumas vantagens que o comum dos homens”. (CASTELO BRANCO, 1986, p. 1005) O adultério, em nome do qual o personagem converte-se num político de ideário progressista, afeito ao luxo e à boa aparência, como na cena bíblica do pecado de Adão e Eva no paraíso, constitui uma queda num mundo onde o tempo corre célere, e a tudo confina dentro do processo de morte e transformação.

O titânico canteiro de obras que Fausto leva a construir para renovar o mundo, no livro de Johann Wolfgang von Goethe, encontra paralelo histórico no Portugal da

segunda metade do século XIX. Nesse período, deu-se uma série de medidas políticas denominada Regeneração, empreendida por Rodrigo da Fonseca Magalhães, Francisco de Saldanha Oliveira e Fontes Pereira de Melo. Esses estadistas portugueses promoveram o que Amadeu Carvalho Homem denomina “a experiência do capitalismo possível”, cujas forças concentraram-se em fomentar a criação de infra-estruturas materiais. (Cf. HOMEM, 2001, p. 346-7) Marshall Berman, a propósito, salienta que, “Nos assim chamados países subdesenvolvidos, planos sistemáticos para um rápido desenvolvimento significam em geral a sistemática repressão das massas”, como “espremer até a última gota a força de trabalho das massas – ‘os sacrifícios humanos sangram, / Gritos de desespero cortarão a noite ao meio’, como se diz no *Fausto*”. (BERMAN, 2005, p. 86) No que tange ao caso português, Carvalho Homem noticia os sacrifícios sofridos amplamente pelas camadas populacionais mais pobres em decorrência de pesados tributos que financiavam a reforma fontista:

A filosofia de tributação dos governos regeneradores seguiu os trilhos da ortodoxia liberal, uma vez que recorreu à gama dos impostos indiretos, incidentes sobre o consumo, e evitou onerar os rendimentos gerados pelos capitais privados. Ficou para a história o juízo emitido por Fontes Pereira de Melo, quando o confrontaram com as reclamações dos setores sociais mais fragilizados pelo agravamento tributário: “O povo pode e deve pagar mais”. (HOMEM, 2001, p. 347)

*

* *

Calisto Elói expressa o arquétipo fáustico, na medida em que problematiza o advento da modernidade em Portugal. Nesse país, durante o século XIX, manifestava-se um grande desconforto com sua situação no cenário sócio-político-cultural na Europa e

no mundo. Já então perdida a maior parte do império ultramarino português, e mais recentemente decretada a independência da colônia americana, em 1822, Portugal, existindo, aliás, praticamente como colônia da Inglaterra, confrontava-se com o sentimento de decadência (perante seu próprio passado) e de atraso (em relação ao acelerado desenvolvimento industrial de outras partes européias). Nesse contexto, em que ganhava força o fenômeno da nação, opuseram-se os que buscavam manter a estrutura arcaica nacional, proclamando-se defensores da autêntica identidade portuguesa, e os que se apoiavam ideologicamente no modelo estrangeiro de progresso. Eis o cerne, nas palavras de Fidelino de Figueiredo, “do [...] tema do conflito entre a vida ideal e a real”, que vemos representar o Fausto goethiano, o Calisto Elói e o século XIX em Portugal.

RÉSUMÉ: Faust est un personnage historique-légendaire de grande importance pour les arts, la musique et la littérature du XIX^{ième} siècle en Occident. Le protagoniste du roman *A Queda dum Anjo* de Camilo Castelo Branco, Calisto Elói, le plus souvent associé au Don Quichotte de Cervantes, il présente aussi, selon Fidelino de Figueiredo, un caractère Faustien. Dans cet article, on approfondit l’association entre Calisto Elói et Faust, en se basant sur l’interprétation de *Faust* de Goethe selon Marshall Berman, afin de mettre en évidence que le personnage de Camilo symbolise la nation portugaise au mi-XIX^{ième} siècle.

Mots-clés: Calisto Elói, Faust, Portugal, Camilo Castelo Branco.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. “O Fausto de Goethe: a Tragédia do Desenvolvimento”. In *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 41-98.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras Completas de Camilo Castelo Branco*. v. V. Porto: Lello & Irmão, 1986.

COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1960.

FIGUEIREDO, Fidelino de. “O Romance Passional”. In *História da Literatura Romântica*. São Paulo: Editora Anchieta, 1946. p. 225-254.

FRANÇA, José-Augusto. *O Romantismo em Portugal*. 3ª. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era do Capital: 1848-1875*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOMEM, Amadeu Carvalho. “Jacobinos, liberais e democratas na edificação do Portugal contemporâneo”. In TENGARRINHA, José (org.). *História de Portugal*. 2ª. ed. São Paulo: EDUSC; UNESP; Instituto Camões, 2001. p. 341-359.

SERRÃO, Joel. *Temas de Cultura Portuguesa II*. Lisboa: Portugália Editora, 1965.

TENGARRINHA, José (org.). *História de Portugal*. 2ª. ed. São Paulo: EDUSC; UNESP; Instituto Camões, 2001.